VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

PATRIMÔNIO E MEMÓRIA NO SERTÃO NORDESTINO: UM DIÁLOGO ATRAVÉS DA IMAGEM

Jackelina Pinheiro Meira Kern*

Procurei informações a respeito daquelas fachadas de características marcantes que aguçavam o imaginário e me transportavam para as lembranças da minha cidade natal. As imagens vistas ao caminhar nas ruas estreitas de Juazeiro e Petrolina, foram se transformando em questionamentos e, sem respostas, começou a crescer o interesse.

Conversando com memorialistas[1] e historiadores da região, entre eles, Maria Isabel Figueiredo, neta do barão Enéas Muniz, dono de um dos primeiros sobrados da cidade de Juazeiro, que ainda resiste ao tempo, alusão ao poder existente entre o final do século XIX e o início do século XX. Era o local onde se realizavam saraus e festas de reis, onde o Barão atribuía à festa a simbologia de mais um ano de fartura na residência e também para todos os entes queridos. Uma festa ainda lembrada no dia de reis pelas netas do barão Enéas, as senhoras Grassú e Maria Isabel.

* Jornalista pela Universidade do Estado da Bahia, Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Doutoranda na Universidade de Coimbra em Portugal, no curso de Patrimônios de Influência Portuguesa. Pesquisa as casas e a cultura de influência portuguesa, africana e diáspora.

[1] Pessoas que pesquisam fatos históricos, sociais, atos cívicos, desenvolvimento das cidades. Autor de memórias históricas ou literárias.

Segundo Isabel, a depender da classe social, as casas eram construídas com fachadas ornamentadas com diversos desenhos nas platibandas[2] e ao redor das janelas, moldadas com a cal, em um composto com óleo de peixe ou baleia que vinha da capital para dar a forma do desenho e a liga.

A platibanda, um elemento construtivo do século XIX, que passou a ser obrigatório a partir do regimento do Código de Postura (REIS FILHO, 1978) em alguns Estados, inclusive na Bahia, emoldurando a parte superior das casas, além de ostentar a classe social a que pertencia uma família e camuflar, muitas vezes, o tamanho real de uma casa simples, tinha a finalidade técnica de conduzir o escoamento da água da chuva para a parte lateral da casa e evitar que a água caísse diretamente na rua, uma vez que a maioria das casas ficava posicionada rente ao passeio.

Baseado na hipótese de que as fachadas das casas evidenciam as relações culturais de seus moradores, acredito que o aprofundamento da questão cultural mantém estreita relação com o meio social em que vivemos, uma vez que ele mesmo é resultado desse meio durante gerações, um processo acumulativo de experiências, de convivência, de leis e regras de sobrevivência.

São estes processos de reconhecimento de uma identidade que discutiremos dentro do plano de fundação de uma arquitetura remanescente de diferentes componentes ético-culturais, construída por índios e africanos com influência de outras culturas, que permeiam na formação cotidiana e no imaginário durante várias gerações nas cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, situadas no chamado Sub-Médio São Francisco.

Sendo assim, este artigo, fruto da dissertação do mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade, investigou como as fachadas das casas evidenciam a cultura de seus moradores, utilizando categorias de análise como:

a) o geometrismo nos desenhos das fachadas das casas antigas de Juazeiro e Petrolina do início do século XX.

b) a cultura pelo viés da análise que associa identidade e memória.

As fachadas, enquanto lugar de memória delimitam os espaços que correspondem aos limites da moradia, a passagem das pessoas pelas vias públicas e a

[2] Moldura contínua e larga que fica na parte superior de uma construção. Normalmente com desenhos geométricos, servindo de proteção ou camuflagem do telhado.

hegemonia econômica da sociedade existente no século XX, nas cidades ribeirinhas. As fachadas poderão fazer emergir ainda memórias acerca de pessoas que habitavam a casa, uma vez que algumas podem trazer até insígnias dos proprietários das casas, o ano de construção ou formas e desenhos que visualizamos, os costumes e cultura dos moradores dessas casas e os seus respectivos entrosamentos com as fachadas, podendo vir a constituir um laço afetivo, assim como um sentimento de pertencimento e de comunidade.

São também essas fachadas que podem evidenciar as heranças das várias etnias, que ao longo dos anos vieram morar na cidade e misturaram as suas raízes na cultura predominante dos dois Estados, ora pernambucano ora baiano, berço de um conjunto ainda em construção, herdeiro de muitas tribos, portugueses, africanos, holandeses, índios nativos, que ainda hoje contribuem para a arquitetura de uma cultura que a cada dia é transformada no imbuir da modernidade pela qual passam as cidades em crescimento demasiado, como é o caso de Juazeiro e Petrolina, desde a implantação dos projetos de irrigação em 1975, o que as tornou cidades centro-exportadoras de frutas, revolucionando o setor produtivo do Semiárido nordestino (CODEVASF, 1997, apud LIMA & MIRANDA, 2001).

Na imagem abaixo, as casas em Juazeiro já estavam nos padrões do Código de Postura de Salvador, criado em 1921 e que seguia o exemplo do Código da cidade de São Paulo, criado em 1886. Nessas casas era comum encontrar o ano em que foi concluída a construção logo abaixo das platibandas ou no alto das portas. São exemplares que não encontramos mais na mesma avenida, a qual se tornou uma rua do comércio local.

Foto 01
Casa de Terezinha Braga
Fonte: Autora do artigo

As casas garantiam por vezes o poder e a posição social dos seus moradores, que não mediam esforços para expressar nos traços arquitetônicos a postura e a classe o qual estavam inseridos. Era como uma vitrine para expor o poder econômico através do seu lar. E era exatamente nas platibandas no alto das fachadas que os artífices procuravam trabalhar essa arte.

As lembranças suscitadas através das fotografias das casas e dos familiares dos proprietários serviram como base para entender a relação entre memória e identidade cultural nas duas cidades. Assim, em uma comparação, das próprias fachadas e também das análises das imagens fotográficas das casas, análises essas, feitas em primeiro lugar pelos seus moradores, e que fazem parte da pesquisa, com o que havia anteriormente na arquitetura, na memória e na cultura do Vale do São Francisco.

Por isso, procurou-se registrar como método etnográfico por meio de imagens fotográficas, as casas, uma vez que não há documentação visual sobre a maioria das cidades ao longo do rio nos acervos das Bibliotecas Públicas Municipais. Souza (2002) atenta para o uso da fotografia como documento que registra uma imagem no tempo, uma vez que essas cidades - a começar por onde resido atualmente, Juazeiro e Petrolina -, sofrem uma rápida transformação no panorama urbano.

A construção do referencial teórico-metodológico, baseado na Hermenêutica da Profundidade de John B. Thompson, pode nos fornecer um parâmetro adequado para análise sócio-histórica sobre temas como cultura, memória, poder, religiosidade e formas simbólicas, aliada às análises das narrativas dos moradores pesquisados.

Thompsom (1995) propõe uma tríplice análise da HP, para compreendermos como as pessoas produzem e recebem as informações na sua vida cotidiana. A Hermenêutica da Profundidade está dividida em três partes relacionadas que facilitam a pesquisa a partir do momento que compreendemos a forma de investigação acerca do objeto e da amostra que estamos pesquisando.

A hermenêutica da vida cotidiana, que chamamos de interpretação da doxa, reconstrói as maneiras de como as pessoas entendem a realidade ao seu redor, assim, sendo este é o primeiro passo para os trabalhos hermenêuticos capazes de dar conta de ambientes sociais de grande complexidade.

IMAGEM E PATRIMÔNIO

Com o crescimento das cidades devido ao comércio, casas e casarões começam a surgir e no início do século XX, Juazeiro e Petrolina são vistas como cidades prósperas e de grande beleza por aqueles que as visitam. O estilo neoclássico com características trazidas da Europa para o Brasil fazia jus as fachadas encontradas no interior, muitas vezes cópias de fachadas encontradas nas capitais.

As casas construídas em adobe, em uma mistura de barro e folhas, como tijolos artesanais, ficam expostos na maioria das casas em reforma. Segundo Nei Barbosa, 47 anos, mestre de obras e morador da Rua Conselheiro João Alfredo, número 2007, uma das casas pesquisadas, a reforma dessas casas precisa de uma preparação prévia, como o isolamento do barro com telhas, para depois colocar a cal e, por último, a pintura, e que dificilmente acertam os detalhes.

Fachada de uma casa antiga na cidade de Juazeiro
Arquivo de Maria Franca Pires

Nei fala da dificuldade de manter a casa com a fachada original, já que a cidade não dispõe de profissionais que saibam trabalhar nas platibandas sem prejudicar os desenhos. Diante disso, questionamos sobre a preservação da platibanda em uma casa que passamos em Juazeiro e que passou por reforma. Agora a casa possui uma varanda e Dona Celita, de 78 anos, proprietária da mesma respondeu:

> Sempre foi assim desde a época da minha mãe e não quis mexer, deixei como ela gostava. Agora a varanda é por que não tinha jeito, foi preciso, sempre ficamos sentados na porta, agora podemos ficar na varanda que é tão fresco quanto a porta. Mas é bonito também essa fachada ai em forma de risco.

Muitas vezes, existe a necessidade de mudanças nas residências, seja por situação de crescimento familiar, estrutura das casas ou mesmo por falta de profissionais capazes de trabalhar a cal e o barro, situação essa mais comum entre os entrevistados.

Foto 02
Casa da família Santana em Petrolina-PE
Fonte: Autora do artigo

Stellita Santana conta que, devido à falta de profissionais, todos os desenhos e pinturas que haviam dentro de casa, assim como na sala de visitas, foram se apagando com o tempo por não encontrarem um profissional que recuperasse a pintura nas paredes.

FILHO (1978, p. 54) relata que:

> Conservando-se ainda as técnicas de construção e uso dos edifícios, largamente apoiados na abundancia de mão-de-obra mais grosseira e, em pequena parte, artesanal, era natural que se repetissem os esquemas de fins de século XIX, com soluções mais ou menos rústicas, com edifícios sobre o alinhamento da via pública, a revelar, em quase todos os detalhes, os compromissos de um passado ainda recente com o de trabalho escravo e com os esquemas rígidos dos tempos coloniais (1978, p. 54).

Em Petrolina existe hoje uma rua que foi designada de Petrolina Antiga, pelos casarões que ainda resistem. Foram estes, no passado, depósitos de algodão da família Coelho, uma família de comerciantes e políticos da cidade como o Dr. Nilo Coelho que foi Governador e Senador do Estado de Pernambuco e o Ministro Fernando Coelho que se destaca até hoje no cenário nacional. Casas construídas no início do século XX, tornaram-se referência principalmente no quesito gastronômico da cidade, desde o ano de 2003 até os dias atuais.

Antigos Armazéns de Algodão da Família Coelho em Petrolina
Fonte: Autora da dissertação.

São desenhos geométricos de grande beleza que imediatamente instigam os nossos olhares para o alto, uma vez que, no resto da fachada compreendemos não haver além dos janelões, algo capaz de chamar tanta atenção como as platibandas e as cores. Com desenhos escalonados, comum no sertão do Brasil, os armazéns da Petrolina antiga ainda destacam-se pelo seguimento do estilo colonial brasileiro de uma porta e duas janelas, com as bicas não mais na parte superior da fachada. Assim como quando as portuguesas que chegavam ao Brasil não podiam molhar ou sujar as suas vestes com a água que caia do telhado, a região do vale utiliza do exemplo e começa a dar lugar às platibandas.

O status social também começa aqui a ser definido com a arquitetura e outros elementos utilizados como janelas ornamentadas, estátuas, rigor métrico, frontões com suas linhas curvas e vidros coloridos, que normalmente vinham da Europa.

REIS FILHO (1978, p. 142) alerta que:

> É interessante observar que, mesmo consideradas todas as adaptações sofridas no Brasil pelo Neoclassicismo ou por outros movimentos artísticos, verifica-se uma tendência, justamente nas camadas consumidoras dessa arte, para afirmar a sua desnacionalização e o seu caráter exclusivo de importação, bem como a ausência nela de originalidade e de valor artístico próprio.

Seguindo a discussão levantada por REIS FILHO, somos incitados as transformações arquitetônicas rurais de cópias do que não fazia parte do nosso mundo e que em geral, principalmente nas platibandas das camadas mais consumidoras e portanto mais abastadas, as platibandas dispunham de objetos como louças do Porto como

compoteiras e vasos e bichos. Já os desenhos mais simples, tornaram-se muitos parecidos por lembrar trilhos de trem, estradas e rodas.

Ruskin (2008, p.54), desenhista e crítico de arte nos diz que:

> É como centralizadora e protetora dessa influência sagrada, que a Arquitetura deve ser considerada por nós com a maior seriedade. Nós podemos viver sem ela, e orar sem ela, mas não podemos rememorar sem ela. Como é fria toda a história, como é sem vida toda fantasia, comparada àquilo que a nação viva escreve, e o mármore incorruptível ostenta! – quantas páginas de registro duvidosos não poderíamos nós dispensar, em troca de algumas pedras empilhadas umas sobre as outras!

RUSKIN (2008) analisa que a arquitetura é a arte que dispõe e adorna de tal forma as construções erguidas pelo homem, para qualquer uso, que vê-las pode contribuir para sua saúde mental, poder e prazer. Fazer as pessoas entenderem que nas fachadas pode estar contida parte da memória de uma cidade, através da imagem visual e da história de cada casa, pode favorecer a interação da história individual que passará a ser coletivo em um futuro próximo.

Halbwachs (2008, p.75) enfatiza que um acontecimento só toma lugar na série dos fatos históricos algum tempo depois de ocorrido. Portanto, somente bem mais tarde é que podemos associar as diversas fases de nossa vida aos acontecimentos nacionais. Até então as nossas memórias ficam ali guardadas tentando encontrar um meio de evolução de fatos acontecidos ou silenciadas para sempre. Como diz POLLACK (1989, p.6) distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado.

É através da memória que vivemos na transição constante das formas culturais determinadas pelos nossos antepassados, pela nossa sociedade, pela cultura do nosso povo. Contudo, a cultura pode ser manifestada pelas práticas sociais, a exemplo das construções arquitetônicas e das formas de empoderamento introduzidas por elementos paisagísticos, a citar os elementos decorativos nas platibandas e os assoalhos nos sobrados, aproveitando as facilidades determinadas pela existência do trabalho escravo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALBWACHS, Maurice. (1877-1945). A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

RUSKIN, John, Art and Illusion, Nova Iorque, 1960.

THOMPSON, John. B. Ideologia e cultura moderna. Rio de Janeiro: Vozes, 1995

Fontes orais

Maria Isabel Figueiredo, historiadora, memorialista, professora. Entrevistada nos dias 22 de maio de 2010 e 07 de junho de 2010 na sua residência no Condomínio Country Club.

Dinorah Albernaz, professora. Entrevistada no dia 23 de maio de 2010 na minha residência à Av. ACM, n. 08, Country Club.

Odomaria Bandeira, professora, pesquisadora. Entrevistada em 24 de maio de 2010 no Departamento de Ciências Humanas – DCH III UNEB

Stelitta Santana, entrevistada no dia 05 de agosto de 2010 na residência Rua Conselheiro João Alfredo, 2009.

Acervo

Projeto de pesquisa e extensão O Arquivo de Maria Franca Pires: Memória e História Cultural em Pesquisa na região de Juazeiro-BA, coordenado pela professora Odomaria Bandeira Macedo, DCH III – UNEB.

Fonte: http://www.webartigos.com/articles/40499/1/RESENHA---RUSKIN-John-A-Lampada-da-Memoria-Cotia-Atelie-Editorial-2008/pagina1.html#ixzz1GKgTUzVs

Documentos

Expedição Engenheiro Halfeld – Relatório Rio São Francisco. Rede Marketing e Comunicação. 2002.

Inventário do Patrimônio Cultural do Estado de Pernambuco – Sertão do São Francisco – IPAC/PE.